

O dia de um jornalista americano em 2890

por

Júlio Verne

**Texto eletrônico em francês preparado por Christian
Sánchez**

Editado em HTML em francês por Zvi Har ' El

Traduzido para o português por Bruno Galassi Ferreira

Os homens deste século XXIX vivem em meio a um conto de fadas contínuo, sem que pareçam se dar conta disso. Cansados das maravilhas, eles permanecem frios diante daquilo que o progresso lhes traz todos os dias. Com mais justiça, eles apreciam como merecem os refinamentos de nossa civilização. Em comparação com o passado eles se dariam conta do caminho percorrido. Quanto lhes pareceriam mais admiráveis as cidades modernas com largas ruas de cem metros, as casas com altura de trezentos, a temperatura sempre igual, o céu cheio de milhares de aero-carros e de aero-ônibus. Nessas cidades, cuja população, por vezes, atinge até dez milhões de habitantes, que foram estas aldeias, estas vilas durante mil anos, esta Paris, esta Londres, esta Berlim, esta Nova York, mal arejadas e sujas, cidades onde carroças trêmulas, puxadas por cavalos - sim! cavalos! Difícil de acreditar! Se eles se lembrassem do funcionamento defeituoso dos paquetes e dos caminhos de ferro, de suas colisões frequentes, de sua lentidão, que preço os viajantes não pagariam pelos aero-trens e, sobretudo por esses tubos pneumáticos, lançados através dos oceanos e que os transportam a uma velocidade de 1.500 quilômetros por hora? Enfim, ele não desfrutaria melhor do telefone e do telefónico, recordando os antigos aparelhos de Morse e de Hughes, tão insuficientes para a rápida transmissão de notícias?

Coisa estranha! Estas surpreendentes transformações são baseadas em princípios perfeitamente conhecidos dos nossos antepassados que tinham talvez demasiado negligência. Com efeito, o calor, o vapor e a eletricidade são tão antigos quanto o homem. No final do século XIX, os cientistas afirmaram que a única diferença entre as forças físicas e as químicas reside no modo de vibração, própria para cada uma delas, das partículas etéricas?

Uma vez que ele tivesse feito este passo enorme para reconhecer a relação destas forças, é realmente inconcebível que ele tenha levado tanto tempo para determinar cada um dos modos de vibração que as diferenciam. É extraordinário, acima de tudo, que a maneira de reproduzir diretamente uma sem a outra, ainda é uma descoberta tão recente.

Contudo, assim continuaram as coisas, e foi somente em 2790, há cem anos, que o famoso Oswald Nyer o conseguiu.

Um verdadeiro benfeitor da humanidade, este grande homem! Sua invenção de gênio foi a mãe de todas as outras! Uma plêiade de inventores nasceu, conduzindo ao nosso extraordinário James Jackson. É a este empreendedor que devemos os novos acumuladores que condensam, uns a força contida nos raios solares, outros a eletricidade armazenada no seio do nosso globo, aquele, por fim, a energia proveniente de uma fonte qualquer, quedas d'água, ventos, rios e regatos etc. É dele que nos vêm igualmente o transformador que, tira a força viva dos acumuladores sob a forma de calor, de luz, de eletricidade e de força mecânica devolvendo-a ao espaço depois de obter o trabalho desejado.

Sim! É o dia em que estes dois instrumentos foram imaginados que marcam verdadeiramente o progresso. Suas aplicações são de perder as contas. Reduzindo os rigores do inverno pela restituição dos calores de verão, são poderosas ajudas à agricultura. Fornecendo a força motriz aos equipamentos de navegação aérea, o que permite ao comércio fazer negócios magníficos. É a eles que se deve a produção incessante de eletricidade sem pilhas nem máquinas, a luz sem combustão nem incandescência, enfim, esta fonte inesgotável de trabalho, que centuplica a produção industrial.

Muito bem! Todas estas maravilhas, podemos encontrar num prédio incomparável – o prédio do *Earth Herald* - recentemente inaugurado na Avenida 16823º em Universal-City, a atual capital dos Estados Unidos das Duas Américas.

Se o fundador do *New York Herald*, Gordon Bennett renascesse hoje em dia, que diria, em vista deste palácio de mármore e de ouro, que pertence ao seu ilustre neto Francis Bennett? Vinte e cinco gerações se passaram e o *New York Herald* é mantido pela notável família Bennett. Há duzentos anos, quando o governo da União foi transferido de Washington para Universal-City, o jornal seguiu o movimento - a menos que seja o governo que seguiu o jornal – que hoje tem por título *Earth Herald*.

E não é de se imaginar que ele declinou sobre a administração de Francis Bennett. Não! Seu novo diretor, pelo contrário, incute um poder e uma vitalidade sem iguais, inaugurando o jornalismo telefônico.

Sabemos que este sistema, se tornou prático pela incrível difusão do telefone. Toda manhã, em vez de serem impressos, como nos tempos antigos, o *Earth Herald* é “falado”: é uma rápida conversa com um repórter, um político ou um cientista, que informam os assinantes sobre aquilo que lhes interessar. Quanto aos compradores de número, pelo que sabemos, por alguns centavos, toma-se conhecimento do exemplar do dia nas inumeráveis cabines fonográficas.

Esta inovação de Francis Bennett revitalizou o velho jornal. Em poucos meses, a clientela passou a ser oitenta e cinco milhões de assinantes e a fortuna do diretor se eleva progressivamente a trinta milhões, quantia superada hoje. Graças a esta fortuna, Francis Bennett foi capaz de construir seu novo prédio - uma construção colossal de quatro fachadas, medindo cada uma três quilômetros e cujo telhado abriga sob seu glorioso pavilhão as setenta e cinco estrelas da Confederação.

Atualmente, Francis Bennett, rei dos jornalistas, seria o Rei das duas Américas, se os americanos porventura aceitassem a personalidade de um soberano qualquer. Você duvida? Mas, os plenipotenciários de todas as nações e

nossos próprios ministros se apresentam nessa porta, implorando sua assessoria, esperando sua aprovação, pedindo o apoio de seu todo-poderoso órgão. Calcule os cientistas que ele subsidia, os artistas que o entretém, os inventores que ele supervisiona. Majestade fatigante como a sua; trabalha sem repouso, e, certamente, um homem de outro tempo não poderia resistir a tal trabalho cotidiano. Mas felizmente, os homens de hoje são de constituição mais robusta, graças aos progressos da higiene e da ginástica, que, de trinta e sete fez subir para cinquenta e oito a média de vida humana, - graças também à preparação científica de alimentos e que avança até a próxima descoberta do ar nutritivo, que permitirá se alimentar... apenas respirando.

E agora, se vocês quiserem ter o prazer de saber tudo o que comporta no dia de um diretor do *Earth Herald*, vale a pena seguir pelas suas várias profissões, - hoje mesmo, neste 25 de julho do presente ano de 2890.

*

**

Francis Benett, naquela manhã, despertou com bastante mau humor. Havia oito dias, que sua esposa estava na França. Ele ficou, portanto, um pouco sozinho. Acredita? Há dez anos, que eles são casados, essa foi a primeira vez que a Sra. Edith Benett, profissional de beleza, ficou um longo tempo ausente. Normalmente, dois ou três dias são suficientes para suas frequentes viagens à Europa, mais particularmente Paris, onde ela ia comprar seus chapéus.

A primeira preocupação de Francis Benett foi pôr em ação seu fonotelefoto, cujos fios davam no prédio que ele possuía nos Champs-Élysées.

O telefone, completado pelo telefoto, ainda é uma conquista de nossa época. Se durante tantos anos, ele transmitiu a fala pelas correntes elétricas, é só ontem, que pôde assim também transmitir a imagem. Preciosa descoberta, da qual, Francis Benett, esta manhã, não foi o último que agradeceu o inventor, quando percebeu sua esposa, reproduzida em um espelho telefótico, apesar da enorme distância que os separavam.

Doce visão! Um pouco fatigada do baile ou do teatro da véspera, Sra. Benett ainda estava na cama. Embora perto do meio-dia lá, ela dorme, sua charmosa cabeça enterrada sob as rendas do travesseiro.

Mas de repente ela se mexe, seus lábios tremem... Ela sonha sem dúvida? Sim! Ela sonha... Um nome se escapa de sua boca: "Francis... Meu querido Francis!..."

Seu nome, pronunciado por esta doce voz, deu de volta ao humor de Francis Benett um aspecto mais feliz, e, não querendo despertar a dama maravilhosa, ele rapidamente salta para fora de sua cama e penetra em seu vestidor mecânico.

Dois minutos mais tarde, sem que ele recorra à ajuda de um criado, a máquina o deposita, lavado, penteado, calçado, vestido e abotoado de cima a baixo sobre o umbral de seus escritórios. A volta cotidiana iria começar.

Foi na sala de romancistas-folhetinistas que Francis entrou primeiro.

Muito vasta, esta sala, coroada com uma larga cúpula translúcida. Em um canto diversos aparelhos telefônicos, pelos quais os cem literatos do *Earth Herald* recontam cem capítulos de cem romances ao público inflamado.

Avista um dos folhetinistas que aproveitava cinco minutos de descanso:

- Muito bem, meu caro, disse-lhe Francis Benett, muito bem, seu último capítulo. A cena em que a jovem aldeã e seu namorado lidam com alguns problemas de filosofia transcendente, é uma observação muito fina. Os costumes campestres nunca foram tão bem pintados. Continue assim, meu caro Archibald, boa sorte. Dez mil novos assinantes, desde ontem, graças a você!

- Sr. John Last, ele recomeça virando-se para outro de seus empregados, estou insatisfeito com você. Não parece ser verídico, seu romance! Você corre muito rápido à meta! Bem, e os processos documentais? Falta dissecar! Não é com uma caneta que escrevemos em nosso tempo, é com um bisturi. Cada ação na vida real é a resultante de pensamentos fugitivos e sucessivos, que precisa enumerar com cuidado, para se criar um ser vivo. E que é mais fácil se servindo de hipnotismo elétrico, que desdobra o homem e libera sua personalidade. Veja como você vive, meu caro John Last! Imite seu colega que eu cumprimentei agora

mesmo. Faça sua hipnose... Hein? Você vai fazer, me diga?... Parece que não foi suficiente, então, não foi o suficiente!

Esta pequena lição dada, Francis Benett continua a sua inspeção e entra na sala de reportagem. Seus mil e quinhentos repórteres, colocados diante de um número igual de telefones, comunicando aos assinantes as notícias recebidas durante a noite dos quatro cantos do mundo. A organização desse incomparável serviço muitas vezes foi descrita. Além de seu telefone, cada repórter tem diante de si uma série de interruptores, que permite estabelecer comunicação com determinada linha telefônica. Os assinantes têm, portanto, não só a narração, mas também as imagens dos eventos, obtidas pela fotografia intensiva.

Francis Benett interpela um dos dez repórteres astronômicos, destinados a este serviço, o que aumentará com as novas descobertas ocorridas no mundo estelar.

- E então, Cash, o que chegou?...

- Fototelegramas de Mercúrio, Vênus e Marte, senhor.

- É interessante, este último?...

- Sim! Uma revolução no Império Central em benefício dos democratas liberais contra os republicanos conservadores.

- Como aqui, então. E Júpiter?...

- Nada ainda! Não podemos compreender os sinais dos Jovinianos.

Talvez...

- Isso diz respeito ao senhor, e eu te deixarei responsável, senhor Cash!

Respondia Francis Benett que, descontente, ganhou a sala de redação científica.

Inclinados sobre suas calculadoras, trinta cientistas se absorviam em equações de nonagésimo quinto grau. Alguns trabalham inclusive com fórmulas do infinito algébrico e do espaço com vinte e quatro dimensões, como um estudante opera com as quatro regras de aritmética.

Francis Benett caiu entre eles como uma bomba.

- Então, senhores, que me dizem? Nenhuma resposta de Júpiter?... Será sempre a mesma coisa! Vejamos, Corley, faz vinte anos que o senhor estuda este planeta, me parece que...

- O que fazer, senhor, respondeu o cientista interpelado, nossa ótica deixa ainda muito a desejar, e, mesmo com nossos telescópios de três quilômetros...

- Entendeu, Peer, interrompe Francis Benett dirigindo-se ao vizinho de Corley, a ótica deixa a desejar!... Esta é sua especialidade, meu caro! Colocar lunetas, que diabos! Colocar lunetas!

Em seguida, retornando à Corley:

- Mas na ausência de Júpiter, conseguimos pelo menos um resultado do lado da lua?...

- Também não, senhor Benett!

- Ah! Dessa vez, os senhores não acusam a ótica! A lua é seiscentas vezes menor que Marte, com a qual, no entanto, nosso serviço de correspondência é regularmente estabelecido. Não se trata da falta de telescópios...

- Não, mas são os habitantes, responde Corley, com um sorriso fino de cientista recheado com um X.

- O senhor se atreve a dizer que a Lua é desabitada?

- Pelo menos, senhor Benett, na face que ela nos apresenta. Quem sabe se do outro lado...

- Então, Corley, existe uma maneira muito simples de se certificar...

- E qual é?...

- É girar a lua!

E nesse dia, os cientistas da fábrica de Benett projetam os meios mecânicos, que devem levar à rotação nosso satélite.

No resto Francis Benett tinha motivos para se sentir satisfeito. Um dos astrônomos do *Earth Herald* tinha que determinar os elementos do novo planeta Gandini. Está localizado a seiscentos milhões, trezentos e quarenta e oito mil, duzentos e oitenta e quatro quilômetros e meio, que este planeta descreve sua órbita em torno do sol e para realizá-la precisa de duzentos e setenta e dois anos, cento e noventa e quatro dias, doze horas, quarenta e três minutos, nove segundos e oito décimos de segundo.

Francis Benett ficou encantado com esta precisão.

- Ótimo! É crucial apressarem-se a notificar o serviço de reportagem. O senhor conhece a paixão que o público traz a estas questões astronômicas. Gostaria de garantir que a notícia aparecesse na edição de hoje.

Após sair da sala dos repórteres, Francis Benett deixou uma dica para o grupo especial de entrevistadores, e endereçando-se àquele que é encarregado das pessoas famosas:

- O senhor entrevistou o presidente Wilcox? Pergunta a ele.

- Sim, senhor Benett, e publiquei na coluna de informações que ele sofre decididamente de uma dilatação do estômago, e que vai submeter-se a lavagens tubulares mais conscienciosas.

- Perfeito. E o caso do assassino de Chapman?... O senhor entrevistou os jurados que devem presidir as audiências?

- Sim, e todos estão com a convicção de que o assunto não será nem mesmo exposto diante deles. O acusado será executado antes de ser condenado...

- Executado... Eletricamente?...

- Eletricamente, senhor Benett e sem dor... é o que se supõe, pois parece que ainda não está fixado nada sobre este detalhe.

A sala adjacente, uma vasta galeria de meio quilômetro, foi consagrada à publicidade, e podemos imaginar facilmente qual deve ser a publicidade de um jornal como o *Earth Herald*, que possui uma renda média de três milhões de dólares por dia. Além disso, graças a um engenhoso sistema parte dessa publicidade se propaga de uma forma absolutamente nova, devido a uma patente adquirida ao preço de três dólares de um pobre diabo que morre de fome. São imensos cartazes, refletidos pelas nuvens, que são de tal dimensão que podem ser vistos por uma região inteira.

Nesta galeria, milhares de projetores ficam constantemente ocupados de enviar esses anúncios desmesurados às nuvens, que os reproduzem em cores.

Mas, nesse dia, quando Francis Benett entrou na sala de publicidade, ele viu que os engenheiros estavam de braços cruzados sobre os projetores inativos. Ele se informa... Por toda resposta, mostravam-lhe o céu de um azul puro.

- Sim!... com bom tempo, murmura, a publicidade aérea não é possível! O que fazer? Se se tratasse de chuva, poderíamos produzi-la! Mas não é de chuva, e sim de nuvens que precisamos! ...

- Sim... bonitas nuvens bem brancas! Respondeu o engenheiro chefe.

- Então! senhor Samuel Mark, dirija-se à redação científica, serviço meteorológico. Diga-lhes da minha parte para que eles se ocupem ativamente na questão de nuvens artificiais. Não podemos realmente ficar assim à mercê do bom tempo.

*

**

Depois de ter completado a inspeção de diversos setores do jornal, Francis Benett passa à recepção, onde ele atende os embaixadores e ministros plenipotenciários, credenciados pelo governo americano. Estes senhores vieram solicitar o parecer do todo-poderoso diretor. Agora, Francis Benett entrou nesta sala, onde discutem com certa vivacidade.

- Que Vossa Excelência me desculpe, dizia o embaixador da França para o embaixador da Rússia, mas não vejo motivos para alterar o mapa da Europa. O Norte para os eslavos, aceite! Mas o Sul da França para os Latinos! Nossa fronteira comum do Reno parece-me excelente. Além disso, o senhor sabe bem, que meu governo resistirá a qualquer empresa feita contra nossas capitais de Roma, Madri e Viena.

- Bem falado! Disse Francis Benett, intervindo no debate. Como é que, senhor embaixador da Rússia, o senhor não está satisfeito com seu vasto império, que das margens do Reno se estende às fronteiras da China, um império onde o oceano Glacial, o Atlântico, o mar Negro, o Bósforo e o oceano Índico banham seu imenso litoral? E, para que as ameaças? A guerra é possível com as invenções modernas, estes obuses asfixiantes enviados a distâncias de centenas de quilômetros, estas centelhas elétricas, de vinte léguas, que com um golpe podem destruir todo um exército, estes projéteis carregados com os micróbios da peste, da cólera, da febre amarela, e que destruiriam uma nação em algumas horas?

- Nós o sabemos, senhor Benett, respondeu o embaixador da Rússia. Mas o que o senhor deseja? Empurrado pelos chineses na nossa fronteira oriental, nos será bom, custe o que custar tentar algum esforço pela ocidental...

- Isso não é coisa que se faça, senhor, respondeu Francis Benett com um tom protetor. Muito bem! Uma vez que a proliferação chinesa é um perigo para o mundo, nós pisaremos sobre os Filhos do Céu. Deve impor aos seus súditos um controle de natalidade, que não poderá ser excedido sob pena de morte. Compensaria mais.

- E o senhor, disse o diretor do *Earth Herald*, se endereçando ao cônsul da Inglaterra, que posso fazer para ajudá-lo?

- Muito, senhor Benett, respondeu este personagem, se inclinando ligeiramente. Simplesmente que seu jornal inicie uma campanha a nosso favor...

- E o que propõe?...

- Simplesmente protestar contra a anexação da Grã-Bretanha aos Estados Unidos.

- Simplesmente! Exclamou Francis Benett, erguendo os ombros. Uma velha anexação de cento e cinquenta anos! Mas, senhor, os ingleses não se resignaram jamais que por justa reviravolta do destino, seu país tornou-se colônia americana? É pura loucura. Como seu governo acreditou que eu poderia empreender tal campanha antipatriótica...

- Senhor Benett, a doutrina Munro, que é toda a América para os americanos, o senhor sabe, nada do que a América é não passa de...

- Mas a Inglaterra é apenas uma das nossas colônias, senhor, uma das mais bonitas, e não me convém, e nem concordo que consintamos em devolvê-la jamais.

- O senhor recusa?

- Eu recuso, e se insistir, faremos nascer um *casus belli*, e uma entrevista com um dos nossos repórteres!

- É o fim! Murmura o cônsul acabado. O Reino Unido, o Canadá e a Nova Bretanha são dos Americanos, a Índia dos Russos, a Austrália e a Nova Zelândia

são independentes! De tudo o que foi uma vez Inglaterra, o que nos resta?... Nada mais!

- Nada mais, senhor! Responde Francis Benett. E Gibraltar?

*

**

Nesse momento soou o meio-dia. O diretor do *Earth Herald*, terminando a audiência deixa a sala, senta-se numa cadeira com rodas e em poucos minutos ganha sua sala de jantar, localizada a um quilômetro de distância, na extremidade do prédio.

A mesa está servida. Francis Benett ocupa seu lugar. Perto de sua mão é disposta uma série de torneiras, e, diante dele, circundam-lhe os vidros de um fonotelefoto, sobre o qual aparece a sala de jantar de seu prédio em Paris. Apesar da diferença de horas, Sr. e Sra. Benett concordaram em tomar sua refeição ao mesmo tempo. Nada mais encantador do que almoçar assim frente a frente a milhares de léguas de distância, podendo ver e falar por meio dos aparelhos fonotelefônicos.

Mas, neste momento, a sala de Paris está vazia.

“Edith está atrasada!” Francis Benett diz a si mesmo. Ah! A precisão das mulheres! Tudo progride, exceto isso...

E, fazendo essa reflexão muito justa, ele abre uma das torneiras.

Como todas as pessoas confortáveis de nossa época, Francis Benett renuncia à cozinha doméstica, é um dos assinantes da grande Sociedade de alimentação a domicílio. Esta Sociedade distribui através de uma rede de tubos pneumáticos milhares de espécies de iguarias. Este sistema é caro, sem dúvida, mas a comida é melhor, e tem a vantagem de remover a irritante raça dos cozinheiros dos dois sexos.

Francis Benett comeu sozinho, portanto, não sem algum pesar, e terminou sua refeição, quando a Sra. Benett, voltando para casa, apareceu no vidro do telefoto.

- De onde vem, minha querida Edith? Diz Francis Benett.

- Olha! Respondeu a Sra. Benett, você já terminou? Estou atrasada?... De onde eu venho? De meu chapeleiro!... Há chapéus fascinantes este ano! São mais do que chapéus... são domos, cúpulas! Estaria um pouco atrasada...

- Um pouco, minha querida, pois como pode ver já terminei meu almoço...

- Então, vá, meu marido... vá para as tuas ocupações, responde a Sra. Benett. Tenho ainda que visitar meu estilista.

E este estilista não era nada menos que o famoso Wormspire, que sensatamente proclamava este princípio: “a mulher é apenas uma questão de formas”.

Francis Benett beija a bochecha da Sra. Benett reproduzida pelo vidro do telefoto, e se dirige para a janela, onde o aguardava seu aero-carro.

- O senhor vai para aonde? Pergunta o aero-cocheiro.

- Vejamos, ainda tenho algum tempo, respondeu Francis Benett. Leve-me para minhas fábricas de acumuladores do Niagara.

O aero-carro, máquina admirável, com base no princípio do mais pesado do que o ar, se eleva através do espaço com uma velocidade de seiscentos quilômetros por hora. Abaixo deles desfilam as cidades e suas calçadas móveis que transportam os transeuntes ao longo das ruas, os campos recobertos como uma imensa teia de aranha, da rede de fios elétricos.

Em meia hora, Francis Benett chega à sua fábrica do Niagara, na qual, depois de utilizar a força das cataratas para produzir energia, ele a vende ou a aluga para os consumidores. Depois de concluir sua visita, ele volta pela Filadélfia, Boston e Nova York, à Universal City, onde seu aero-carro o deixa às cinco horas.

*

**

Havia multidões na sala de espera do *Earth Herald*. Aguardavam o regresso de Francis Benett para a audiência diária que ele concede aos petiçãoários. Esta era dos inventores que precisavam de capital, empresários que propunham negócios, todos excelentes de se ouvir. Entre essas propostas diferentes, ele tem

de fazer uma escolha, rejeitando as más, examinando as duvidosas, acolhendo as boas.

Francis Benett rapidamente expulsou àqueles que tiveram ideias inúteis ou impraticáveis. Um não pretendia reviver a pintura, esta arte morta em tal desuso que o Angelus de Millet teve de ser vendido por quinze francos, e isso graças aos progressos da fotografia em cores, inventada no final do século XIX, pelo japonês Aruziswa-Riochi-Nichome-Sanjukamboz-Kio-Baski-Kû, cujo nome se tornou tão facilmente popular. Outro não tinha encontrado o bacilo primogênito, que deveria deixar o homem imortal, após ser introduzido no corpo humano sob a forma de caldo de bacilar? Esse, um químico prático, que só tinha que descobrir um novo organismo simples, o Nihilio, cujo quilograma custava apenas 3 milhões de dólares? Este, um médico audacioso, não afirmou que se as pessoas ainda morriam, pelo menos morriam curadas. E este outro, mais audacioso não alegou que tinha um remédio específico contra o catarro?...

Todos estes sonhadores foram prontamente conduzidos.

Alguns outros foram melhor acolhidos, e em primeiro lugar, um rapaz, cuja vasta frente anunciava viva inteligência.

- Senhor, diz ele, se no passado se contavam setenta e cinco corpos simples, este número é reduzido hoje para três, sabia?

- Perfeitamente, respondeu Francis Benett.

- Então, senhor, estou prestes a reduzir estes três a apenas um. Se não me faltar dinheiro, em algumas semanas tudo correrá bem.

- E daí?

- E daí, senhor, eu simplesmente determinarei o absoluto.

- E a consequência desta descoberta?

- Será a criação fácil de qualquer material, pedra, madeira, metal, fibrina...

- Pretende, portanto, chegar a produzir uma criatura humana?...

- Inteiramente... Só lhe faltará a alma...

- Que é isso! Respondeu ironicamente Francis Benett, que, no entanto, incorporou este jovem químico à redação científica do jornal.

Um segundo inventor, se baseou em experiências antigas que datam do século XIX e muitas renovações depois, teve a idéia de mover uma cidade de sua origem. Foi o caso da cidade de Staaf, situada a umas quinze milhas do mar, e que se transformou em estação balneária, após tê-la trazido sobre trilhos para o litoral. Daí um enorme lucro para as terras construídas e a se construir.

Francis Benett seduzido pelo projeto, concordou em metade no caso.

- O senhor sabe, disse um terceiro candidato, que, graças aos nossos acumuladores e transformadores solares e terrestres, pudemos equalizar as estações do ano. Transformamos em calor parte da energia de nossos dispositivos e enviamos um pouco de calor para os países polares onde ela fundirá os gelos.

- Deixem seus planos comigo, respondeu Francis Benett, e retornem em oito dias.

Finalmente, um quarto cientista trouxe a notícia de que uma das questões que apaixonam o mundo inteiro, receberia sua solução esta tarde.

Sabe-se que há um século um difícil experimento atraiu a atenção pública sobre o doutor Nathaniel Faithburn. Defensor convicto da hibernação humana, ou seja, da possibilidade de suspender funções vitais, e, após algum tempo ressuscitar, ele decidiu experimentar em si próprio a excelência de seu método. Após haver indicado, por testamento holográfico, as operações adequadas para voltar à vida daqui a cem anos, ele foi submetido a um frio de 172 graus, reduzido ao estado de múmia, o doutor Faithburn foi trancado em um túmulo pelo período determinado.

No entanto, foi precisamente nesse dia, 25 de julho de 2890, que o prazo expirou e ele apenas convidou Francis Benett a ir para uma das salas do *Earth Herald* para a ressurreição tão ansiosamente esperada. O público pode dessa maneira ser informado segundo por segundo.

A proposta foi aceite, e como a operação não devia ser feita antes das nove horas da noite, Francis Benett foi descansar na sala de audição sobre uma vasta poltrona. Em seguida, apertando um botão, começou a comunicação com o Central-Concert.

Depois de um dia tão cheio, que encanto teve ele ao ouvir as melhores obras da época, baseadas em uma sucessão de científicas fórmulas harmônico-algébricas!

A escuridão foi completa, e, mergulhado em um sono semi-estático, Francis Benett nem mesmo percebeu que uma porta abriu bruscamente.

- Quem vem lá? Ele diz apertando um interruptor colocado sob sua mão.

Imediatamente, por um produto de desagregação elétrica produzida sobre o éter, o ar se torna brilhante.

- Ah! É o senhor, doutor? Diz Francis Benett.

- Eu mesmo, respondeu o Dr. Sam, que vinha fazer sua visita cotidiana – da assinatura anual. Como vai?

- Bem.

- Tanto melhor... Vejamos esta língua?

E pegando em um microscópio.

- Bom... e este pulso?...

Bate como um sismógrafo, um pouco parecido com os registros das trepidações do solo.

- Excelente! E o apetite?...

- Hum!

- Sim... o estômago!... Ele vai muito bem, o estômago! O velho estômago! Mas a cirurgia tem progredido tanto! Necessidade de colocar um novo! O senhor sabe, temos estômagos sobressalentes, garantidos por dois anos...

- Veremos, respondeu Francis de Benett. Enquanto esperamos, doutor, o senhor janta comigo.

Durante a refeição, a comunicação fonotelefónica foi estabelecida com Paris. Desta vez, Edith Benett estava na frente de sua mesa, e o jantar, entremeado de bons conselhos do Dr. Sam, foi encantador. Em seguida, mal terminaram:

- Quando você conta regressar à Universal-City, minha querida Edith? Pergunta Francis Benett.

- Partirei num instante.

- Pelo tubo ou pelo aero-trem?
- Pelo tubo.
- Quando você estará aqui?
- Às onze horas e cinquenta e nove minutos da noite.
- Hora de Paris?...
- Não, não! Hora de Universal-City.
- Até logo e, sobretudo, não perca o tubo.

Estes tubos submarinos, pelos quais se vem da Europa em 295 minutos, são preferíveis aos aero-trens, que fazem apenas 1.000 quilômetros por hora.

*

**

O doutor se retira e depois de prometer retornar para assistir à ressurreição de seu colega Nathaniel Faithburn, então Francis Benett, foi encerrar as contas do dia, e passa em seu escritório. Operação enorme, quando se trata de um negócio cujos gastos diários se elevam a 1500 dólares. Felizmente, o progresso da mecânica moderna singularmente facilita esse tipo de trabalho. Com a ajuda do contador-piano elétrico, Francis Benett concluiu seu trabalho em vinte e cinco minutos.

Já era tempo. Mal tinha batido a última tecla do aparelho totalizador, sua presença foi requisitada na sala de experiências. Ele se dirigiu imediatamente para lá e foi saudado por um numeroso cortejo de cientistas, aos quais aderira o Dr. Sam.

O corpo de Nathaniel Faithburn está aqui em seu túmulo, que é colocado sobre cavaletes no meio da sala.

O telefoto é acionado, e o mundo inteiro será capaz de acompanhar as diversas fases da operação.

Ele abre o caixão... Tira Nathaniel Faithburn... Parecendo uma múmia, amarelo, duro e seco. Ressoa como madeira. Submete-o ao calor... à eletricidade... Nenhum resultado... À hipnose... À sugestão... Nada dá razão a este estado de ultra-catapilético...

- Então, Dr. Sam? pergunta Francis Benett.

O Dr. Sam debruça-se sobre o corpo, o examina com a mais viva atenção... Ele introduz, com uma injeção de hipodérmico, algumas gotas do famoso elixir de Brown-Séquard que ainda estava na moda... A múmia estava mais mumificada do que nunca.

- Então, responde o Dr. Sam, creio que a hibernação foi muito longa...

- E daí?

- E daí, Nathaniel Faithburn está morto.

- Morto?

- Tão morto como se pode estar!

- Pode dizer desde quando?

- Desde quando? Responde o Dr. Sam. Desde quando ele teve a infeliz ideia de se congelar por amor à ciência...

- Então, disse Francis Benett, este é um método que deve ser aperfeiçoado!

- Aperfeiçoamento é a palavra, respondeu o Dr. Sam, enquanto o comitê científico de hibernação levava seu fúnebre pacote.

*

**

Francis Benett, seguido do Dr. Sam, retornou à sua sala e, como parecia muito cansado após um dia tão cheio, o doutor o aconselhou a tomar um banho antes de dormir.

- O senhor tem razão, doutor... Assim me restaurarei...

- Completamente, senhor Benett e se desejar, sairei...

- Não é necessário, doutor... Há sempre um banho preparado no prédio, e eu não me incomodo em fazê-lo até mesmo fora do quarto. Veja, com o toque deste botão, a banheira vai se pôr em movimento, e o senhor verá surgir tudo pronto com a água à temperatura de trinta e sete graus.

Francis Benett aperta um botão. Um ruído surdo nasce, cresce e se intensifica... Em seguida, uma das portas se abre e aparece a banheira arrastada eletricamente sobre trilhos.

Céus! Ao mesmo tempo em que o Dr. Sam cobre o rosto, gritos de pudor e espanto escapam da banheira...

Meia hora depois de chegar ao prédio pelo tubo transoceânico, a Sra. Bennett havia entrado...

No dia seguinte, 26 de julho de 2890, o diretor do *Earth Herald* começa sua volta de vinte quilômetros através de seus escritórios, e à noite, quando sua totalização foi operada, contabiliza o lucro deste dia em duzentos e cinquenta mil dólares - cinquenta mil a mais que no dia anterior.

Um bom negócio, a profissão de jornalista no fim do século vinte e nove!